

FENÔMENO IMIGRATÓRIO, FAMÍLIAS E A INFLUÊNCIA NA IDENTIDADE ÉTNICA

ANA GABRIELLA FONTOURA LEITE¹

MARIA DE FÁTIMA ARAÚJO DI GREGÓRIO²

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo discutir a influência do fenômeno migratório, bem como das famílias na construção da identidade étnica. Buscando conceituar as ideias de identidade, etnicidade, fronteiras e pertencimento produzido por este fenômeno. A metodologia tem caráter bibliográfico, baseado na revisão teórica sobre migração, famílias e identidade étnica. Tendo em vista o processo identitário, a pesquisa ressalta a relevância das histórias contadas por meio de interações sociais e familiares na ressignificação das suas identidades.

Palavras-chave: Imigração, Famílias, Identidade étnica.

INTRODUÇÃO

Este texto consiste na revisão bibliográfica que subsidiará a pesquisa de mestrado intitulada “Itiruçu Enses e Italianos: famílias, identidades étnicas e autorizações” que está sendo desenvolvida no Programa de Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB).

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Bolsista (CAPES); Graduada em Direito (UNIFTC); Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Hermenêuticas sobre Família, Territórios, Identidades e Memórias.

² Professora Permanente da linha 2 do Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade da UESB. Professora Plena da Universidade do Estado da Bahia/UNEB - Campus V e Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB Campus de Jequié. Doutora em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador/UCSal, Mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. Formação em Pedagogia, História e Direito.



A inquietação surge por eu ter nascido e residir até hoje no município de Itiruçu, o qual apresenta, dentre os diferentes grupos étnicos que o constituíram, os italianos. Assim tenho o interesse pela investigação e aprofundamento da temática a fim de contribuir para a história cultural local.

Como metodologia utiliza-se a abordagem qualitativa juntamente com a pesquisa bibliográfica, que recorre a livros, teses, artigos e outros documentos publicados, que buscam auxiliar no trabalho desenvolvido. De acordo com de Boccato (2006 apud Sousa; de Oliveira; Alves, 2021, p.67):

A pesquisa bibliográfica busca o levantamento e análise crítica dos documentos publicados sobre o tema a ser pesquisado com intuito de atualizar, desenvolver o conhecimento e contribuir com a realização da pesquisa.

Dessa forma, o objetivo é demonstrar como o fenômeno imigratório produziu etnicidade e, conseqüentemente, influenciou na produção da identidade étnica local. Para isso, analisamos os discursos de diferenças sociais e culturais, ao serem explanados através do estudo sobre imigração, famílias, identidade e etnicidade.

IMIGRAÇÃO

O município de Itiruçu é uma pequena cidade situada no sudeste da Bahia, há 337,4 km da capital Salvador, com cerca de 10.999 habitantes (IBGE, 2022). Entre os anos de 1950 e 1952, a cidade de Itiruçu recebeu cerca de 21 famílias vindas da Itália, período pós 2ª guerra mundial, devido à escassez que assolou sua terra natal. Essas famílias encontraram nessa pequena cidade do interior do estado da Bahia uma chance de reconstruírem suas vidas.

O governo brasileiro doou terras para essas famílias visando a expansão hortifrutigranjeira, sendo esses imigrantes produtores rurais, operários e comerciantes, os quais encontraram em Itiruçu uma valiosa oportunidade de trabalho. Com isso, ocorre o fenômeno imigratório descrito por Dezan, (2007,



p. 18):

A história da humanidade registra, desde o seu aparecimento na face da Terra até hoje, repetidos movimentos de migração e de fixação de populações em várias regiões do globo. Os seres humanos sempre se movimentaram, por instinto, com o desejo de conhecer e explorar o desconhecido ou impulsionados por problemas políticos, econômicos, sociais, religiosos, guerras, ou através da combinação de dois ou mais desses fatores. No decorrer dos séculos aconteceram muitos movimentos migratórios de proporções diferentes, sendo alguns de grandes dimensões, os quais influíram significativamente na evolução histórica do gênero humano.

Para Regina Weber (2013, p. 6) existem três tipos de migrações: as mais antigas, caracterizadas por "levas", as contemporâneas e as constituídas por descendentes de imigrantes. No caso abordado, ocorreu a imigração por levas que perdura até os dias atuais com a existência dos descendentes.

As pesquisas desenvolvidas no campo de estudos de "imigração" não são, portanto, exclusivas desse campo, podendo ser enquadradas não apenas nos macrocampos de história cultural, política, social e econômica, mas de história do trabalho, história agrária e outros subcampos que se desenvolveram mais recentemente, como história ambiental e das relações internacionais (WEBER, 2013, p.18).

Percebemos, portanto, a relevância do estudo imigratório para a compreensão de uma história cultural de uma localidade a partir da chegada desses grupos, sua instalação no novo território, suas estratégias de adaptação, a superação das dificuldades e o êxito final (WEBER, 2006, p. 238).

FAMÍLIAS

Observamos a grande importância da família no processo de imigração e construção de identidades, sendo o elo que une os sujeitos do grupo em uma sociedade vigente, utilizando de estratégias de identidade e memória para a manutenção de padrões e tradições familiares.

A família atua como fonte de influência ideológica entre os seus membros, como afirma Prado (1981). No entanto, ao receber tais influências,



são os sujeitos responsáveis por sua própria elaboração, conforme evidencia a autora Cynthia Sarti, assim, cada família constroi seus mitos a partir do que ouve sobre si, do discurso externo internalizado, mas devolve um discurso sobre si que contém também sua própria elaboração, objetivando sua experiência subjetiva (2004, p. 15).

Nesse contexto, para a autora Di Gregorio (2003), os avós desempenharam papel fundamental na manutenção de elementos e objetos da terra natal, sendo fonte de manutenção da identidade cultural originária, contribuindo para a revisitação por meio de fotos e objetos. Tinham o atributo de reunir seus filhos e netos para a contação de histórias:

As lembranças dos depoentes acentuam o papel dos avós como fonte de transmissão de bens simbólicos que expressam ideias de uma ordem moral, do poder familiar, da agregação de uma rede de grande família, onde os papéis são publicamente legitimados, exercendo domínio sobre os descendentes (DI GREGÓRIO, 2003, p. 52)

Compreendemos a importância do papel do descendente em receber tais elementos culturais da família e transformá-los em sua própria perspectiva. Em cada história que vai sendo contada, são redefinidas pelas várias mensagens que lhes chegam, vindas do mundo ao seu redor. Além disso, cada um conta essa história do seu jeito. Ela é contada de maneiras diferentes por e para cada um dos membros que compõem a família, dependendo do lugar a partir do qual ouvem e falam, construindo várias e variadas histórias (SARTI, 2004, p.18).

Essas manifestações constituem marcadores de identificação e práticas de memória, que indicam aos indivíduos o sentido de pertencimento ao grupo. Descendentes de imigrantes criam uma outra memória, portanto, outra identidade com base nas necessidades ideológicas do presente.

Recorremos a um fenômeno muito importante que é a transmissão da memória intergeracional, que faz daqueles que ouviram os relatos vívidos das testemunhas diretas, muitas vezes de modo repetido, informantes privilegiados



(WEBER, 2013, p. 8). Essa memória é reforçada pela manutenção de objetos dos antepassados que, assim como as lembranças orais, são repassados às novas gerações:

E pelo fato destas caixinhas conservarem objetos que permitem a evocação de experiências e histórias vividas por suas proprietárias, e também por membros do grupo imigrante, elas foram consideradas como 'lugares de memória' (Pereira, 2008, p. 121).

Dessa forma, como reforça a autora Cynthia Sarti (2004, p.19): Os limites do mundo familiar, demarcados pela história que a família conta sobre si, criando sua identidade, são abalados pela ação individualizada de cada um de seus membros, que reagem singularmente às relações internas e que trazem à convivência cotidiana a experiência também singular com o mundo exterior.

IDENTIDADE E ETNICIDADE

Para compreender o fenômeno que ocorre não apenas com a mudança de endereço, mas de uma estrutura sociocultural do sujeito é preciso recorrer aos conceitos de identidade nacional. Para Manuel Castells (1996, p. 26) a identidade é "um processo de construção de significado com base em um atributo cultural ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado."

Aproximar o campo dos estudos de imigração à temática da etnicidade significa incorporar, às análises que operam com demografia, processos históricos mais amplos, transformações econômicas e políticas e descrições de costumes (WEBER, 2006, p. 237). De acordo com Marcelino (2017, apud Natali Calderari e Mayra Taiza Sulzbach, 2017, p. 142)

Entre a variedade de elementos culturais que caracterizam indivíduos pertencentes a grupos diferentes, estão: o modo de agir, de se vestir, de se comunicar, entre outras manifestações. No entendimento de que cada indivíduo vê o mundo com base na cultura do grupo em que está inserido, ele julgar-se proeminente, através do sentimento de



que sua cultura é um modelo a ser seguido.

Dessa forma, percebemos que a cultura, ao ser interiorizada, produz a identidade, pois, em se tratando de diferença, a identidade precisa da visão do "outro" para promover o "eu", gerando o pertencimento. Estudos de Barth (1997) nos mostram que a identidade étnica, a crença na origem comum constrói-se a partir da diferença.

Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam. É a chamada identidade contrastiva, que consiste na afirmação de nós diante dos outros. É uma identidade que surge por oposição (Cardoso de Oliveira, 1976, p. 5).

Essa convivência com a diferença ocorre por meio da interação social. Para Weber (2006, p. 246), dizer que as identidades são construídas e elaboradas em um contexto interétnico, no qual os outros grupos têm papel nas atribuições daí resultantes, é dizer que a etnicidade é resultado da interação social.

Para os autores Poutignat e Streiff-Fennart (1998), a etnicidade é um conjunto de atributos ou de traços tais como a língua, a religião, costumes, o que a aproxima da noção de cultura, ou à ascendência comum presumida dos membros, o que a torna próxima da noção de raça. A etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna saliente as identidades étnicas.

Para Barth (1997), etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função da sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores. Dessa forma, a permanência dos símbolos étnicos na trajetória, memórias e saberes desse grupo, será de fundamental importância à discussão de identidade através das árvores



genealógicas das famílias.

Com isso, percebemos que o fenômeno migratório produz etnicidade, agregando a noção de identidade e de fronteira que delimita o pertencimento a um grupo ou comunidade. De acordo com Regina Weber, “o aparato conceitual que está sendo empregado (fronteiras, pertencimento) é resultado da contribuição que as teorias da etnicidade têm propiciado ao campo dos estudos de imigração, conduzindo a história a um diálogo com outras disciplinas de ciências humanas” (2013, p.9).

A diferenciação promove fronteiras entre as identidades, sejam elas culturais ou sociais, descritas em algumas hipóteses pela autora Regina Weber (2013, p. 7):

- 1) pela ocupação de determinados espaços residenciais e profissionais; 2) pela forma como os outros grupos os rotulam; 3) pelo incentivo aos casamentos interétnicos; 4) pela manutenção de sinais simbólicos e rituais de pertencimento étnico; 5) pela “institucionalização” de manifestações étnicas em festividades cíclicas, jornais, escolas, igrejas, associações recreativas e operárias – práticas que garantem grande visibilidade ao grupo, tanto aos próprios membros, quanto aos não membros (Weber, 2013, p. 7).

Tais diferenciações geram uma fronteira de inclusão, configurando o reconhecimento que os membros da minoria têm de pertencerem a uma unidade, e uma fronteira de exclusão, refletindo o modo pelo qual a seção mais poderosa da população define o grupo que deve ser posto de lado (WEBER, 2006, p. 244).

Nesse sentido, ao entendermos que as fronteiras sociais existem entre esses grupos, percebemos que a identidade inicialmente parece ser imutável pelas táticas e aderências utilizadas para a manutenção e preservação das identidades. No entanto, Hall (2003) trabalha com a perspectiva de que as identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, estão sendo deslocadas e fragmentadas.

A ideia de sujeito unificado passa a estar cada vez mais distante,



considerado pela autora Regina Weber (2006, p. 248) como uma visão essencialista: “A crença na unicidade de determinados comportamentos está na raiz da visão essencialista de identidade”. Dessa forma, Hall (1990) rebate o entendimento ao afirmar que a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreender o processo de construção da identidade étnica é preciso visitar conceitos que auxiliam no caminhar desse estudo, ao compreender que o fenômeno imigratório envolve não apenas a mudança de endereço, mas a mudança social e cultural desses povos.

É preciso aprofundar-se nas histórias das famílias para a compreensão do seu papel na construção e reconstrução dessas identidades antigas e contemporâneas. Por meio da utilização de suas estratégias, são os descendentes responsáveis pela reelaboração dessa transformação das histórias contadas nas suas próprias perspectivas.

REFERÊNCIAS

- BARTH, Fredrik. 2000. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas** (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contracapa Livraria.
- BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002.
- CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v. 7. n. 13, 1994, pp. 97-113.
- CÉSAR ALVES MARCELINO, Bruno. **Dossiê Cultura em Foco [livro eletrônico]:** integração cultural latino-americana. Jaguarão: Editora CLAE, 2017.



De Sousa, Angélica Silva, Guilherme Saramago de Oliveira, and Laís Hilário Alves. "A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos." **Cadernos da FUCAMP**, p. 20-43,2021.

DEZAN, M. D. de S. **Impactos da Imigração Japonesa Sobre a Diversidade Cultural na Organização do Espaço Geográfico Piracicabano-SP**. Rio Claro-SP: Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2007.

DI GREGORIO, Maria de Fátima Araújo. **Memória Coletiva: estratégias de preservação da identidade cultural dos imigrantes italianos em Itiruçu-BA – 1950/2000**. Salvador, EDUNEB, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Traduzido por: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALL, Stuart. **Os signos da identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro DP&A. 2006.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. 2.ed. São Paulo: Ed.Unesp, 2011.

PRADO, D. **O que é família?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

SARTI, Cynthia Andersen. **"A família como ordem simbólica."** *Psicologia Usp* 15, p. 11-28, 2004.

SEYFERTH, Giralda. **"Imigração e etnicidade no Vale do Itajaí (SC)."** *Anais do 10º Encontro de Geógrafos da América Latina* (2005).

SEYFERTH, Giralda. "A dimensão cultural da imigração. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 26, p. 47-62, 2011.

WEBER, Regina. "Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações." **Dimensões: revista de história da UFES**. Vitória, ES, v. 18 , p. 236-250, 2006.

WEBER, Regina. "Estudos sobre imigrantes e fontes orais: identidade e diversidade." **História Oral**, v. 16, p. 5-22, 2013.